

EXPECTATIVAS
DOS EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS
2003-2005

Informação produzida a partir
de um painel experimental de produtores

MARIA DO SOCORRO ROSÁRIO

Índice

INTRODUÇÃO	6
1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PAINEL DE EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS	9
2. EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS NO PERÍODO DE 1996 A 2003	11
3. EXPECTATIVAS PARA 2003-2005	13
3.1. INTENÇÕES DE CURTO PRAZO PARA A MODIFICAÇÃO DA EMPRESA	13
3.2. O SENTIDO DAS ESTRATÉGIAS DE MÉDIO PRAZO	16
3.3. A OBTENÇÃO DE RENDIMENTOS NÃO AGRÍCOLAS	20
3.4. A CONJUNTURA AGRÍCOLA EM 2003.....	23
3.5. PERSPECTIVAS DE MÉDIO PRAZO PARA A SITUAÇÃO PROFISSIONAL NA AGRICULTURA.....	26
3.6. PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS PELO AGRICULTOR	30
CONCLUSÕES	34

Resumo

A informação sobre expectativas dos empresários agrícolas foi obtida através de entrevistas directas e pessoais realizadas junto de 913 produtores aderentes à Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA), com excepção da região agrária da Beira Litoral. Foram seleccionados cerca de 68% dos efectivos daquele sistema com base em critérios de conveniência, como a disponibilidade e o interesse pelo tema, tendo em vista representar diversos segmentos da agricultura nacional.

As entrevistas realizadas centraram-se no mês de Dezembro de 2002. Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas relativas ao último exercício económico disponível (2001).

Da avaliação prosseguida, constata-se que a generalidade dos empresários agrícolas se encontra expectante, sem manifestar grande motivação para introduzir alterações no sistema de produção a curto (84.9%) ou a médio prazo (75.6%), similar ao dos anos anteriores.

Por seu turno, as intenções de modificação do sistema de produção em 2003 reduzem-se a cerca de 15.1% dos inquiridos, com 3.5% e 11.6% dos mesmos, respectivamente, em processos de diminuição e de aumento da actividade das empresas e essa perspectiva, a médio prazo, aumenta nas situações activas para 24.4%, com redução da manutenção, crescendo de intenção de retracção para 9.4%, o triplo da situação de curto prazo.

Cerca de 81.2% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola próprio com outras fontes. No entanto, 16.4% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 2.4% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2003 assemelha-se à do ano de 2002, com um ligeiro agravamento das tendências pessimistas para a generalidade dos produtores inquiridos - as opções “pior”, “igual” e “melhor” congregaram 53.1%, 40.1% e 6.8% dos empresários, respectivamente.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 64.8% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional; 27.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 7.4% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro.

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas pelos inquiridos (57% das respostas); em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto de dificuldades, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (18% das respostas).

Abstract

The information on farmers' expectations was obtained through direct and personal interviews to 913 farmers within the Farm Accountancy Data Network (FADN), without a region: Beira Litoral. Sixty eight percent of the farmers subscribing this system were selected based on convenience criteria, such as availability and interest on the subject, with a view to portray different segments of the Portuguese agriculture. The interviews took place in December 2002.

This information was analysed following the integration of data regarding the latest financial year available (2001) for farms within the FADN Data Base.

This analysis revealed that most farmers are in expectation, revealing no great motivation to introduce changes in their production systems in the short (84.9%), or medium term (75.6%), a situation similar to that of the previous years. Intentions to change the production system in 2003 corresponded to only 15.1% of the interviewees, 3.5% of which are reducing their farming activity, whereas 11.6% are increasing such activity. In the medium term, this expectation increases to 24.4% for active situations, whereas negative intentions move up to 9.4%, tripling the short term figure.

Approximately 81.2% of the farmers do not intend to complement their farm income with income from other sources. Only 16.4% of the farmers are willing to resort to off-farm income sources and 2.4% of the contacted farmers consider developing supplementary income sources within the farm.

According to the interviewees, expectations for 2003 are similar to those for 2002, with a slight increase in pessimistic trends – the options “worse”, “similar” and “better” accounted for 53.1%, 40.1% e 6.8% of the farmers, respectively. As regards expectations for the farming activity for the next 2 to 3 years, 64.8% are convinced that in the near future their professional situation will deteriorate, 27.7% believe their situation will remain the same, whereas only 7.4% regard their professional future with optimism.

The difficulties resulting from the Global Economic Framework for the farming activity were the most often referred by the interviewees (57%); Farms' Structural Hindrances followed at a distance (18%).

Introdução

Com o decorrer dos anos e mediante as informações que vão circulando, do âmbito quer conjuntural quer estrutural, as atitudes alteram-se ou não.

Com a não modificação das políticas, as expectativas não se alteraram de um modo significativo, apesar de se sentir um arrastar já bastante longo da manutenção de comportamentos.

No entanto, há certezas de mudança na política agrícola para breve, e é necessário perceber se essa modificação foi assimilada e traduzida pelos consumidores dessa política.

Será que os empresários agrícolas já interiorizaram esse novo figurino e já estão a desenvolver esforços para se ajustarem ao novo modelo, manifestando essas novas tendências? Será que o novo futuro com novos contornos já é percebido nas suas respostas a questões sobre o futuro a curto e médio prazo?

É com o desejo de saber cada vez mais sobre o desenrolar do percurso dos que trabalham no sector agrícola, que nos propomos saber através das suas expectativas como se vão adaptando a novas políticas.

Estas expectativas, para 2003-2005, indicam-nos as tendências a curto e médio prazo, das dimensões e desempenhos por parte do empresário agrícola na sua empresa, a sua relação com a terra, a busca de outros rendimentos complementares, as motivações relativas à conjuntura actual e agrícola, o seu enquadramento profissional a médio prazo e dos acontecimentos que ocorrem no sector agrícola.

Este trabalho apresenta informação relativa às expectativas registadas por uma amostra de empresários agrícolas, inquirida desde 1996 e que se realiza anualmente. A inquirição é feita pelos técnicos do Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas - MADRP, afectos ao sistema Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas - RICA. Estes contactam frequentemente os empresários agrícolas aderentes ao sistema, estando especialmente vocacionados para transmitir os mais complexos argumentos dos inquiridos em questão.

Os dados são provenientes de uma sub-amostra do painel RICA, que foi orientada por conveniência, para melhor representar os diversos segmentos da agricultura.¹ Sublinhe-se que o interesse pelo tema e a disponibilidade para colaboração constituindo condição

¹ No âmbito do sistema de informação RICA, o plano de amostragem realizado assegura a representatividade dos campos de observação dos inquiridos à estrutura das explorações agrícolas, no âmbito do Sistema Estatístico Nacional nas diversas localizações, orientações técnico-económicas e dimensão económica.

de selecção foram factores determinantes na qualidade das respostas conseguidas. Neste quadro é sempre oportuno lembrar o esforço de todos os técnicos envolvidos nas diversas Regiões Agrárias que participaram para o bom desenvolvimento desta linha de trabalho.

1. Principais características do painel de empresários agrícolas

A informação obtida relativamente às expectativas para 2003-2005 decorreu de entrevistas directas e pessoais a produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA (cerca de 68% das observações). As entrevistas realizaram-se no mês de Dezembro de 2002 prolongando-se para o mês de Janeiro.

As variáveis de estratificação e de caracterização da amostra compreendem designadamente, a *Idade do Produtor*, a *Superfície Agrícola Utilizada (SAU)* da exploração, a sua *Dimensão Económica (UDE)* e a *Orientação Produtiva (OTE* - de acordo com a Tipologia das Explorações Agrícolas, Sistema Estatístico Europeu), o *Nível de Rendibilidade* da empresa e a *Região Agrária* na qual está localizada.

As observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada na Figura 1 e Quadros 1.1 a 1.6. A distribuição do painel por Região Agrária, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte também a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho. De salientar a ausência de informação para o caso da Beira Litoral.

A distribuição das empresas por Orientação Produtiva denota uma representação particular dos sistemas de pecuária - Bovinos e plantações de Culturas Permanentes (Vinha, Olival e Pomares); por Dimensão Económica da actividade das explorações (margem bruta estimada), verifica-se uma concentração das observações nas classes de dimensão média/média grande.

A amostra trabalhada contém uma representação dos diferentes Grupos Etários considerados, variando de 18% dos efectivos na classes superior a 60 anos até um máximo de 43% das observações no grupo etário com idade entre os 40 e 50 anos, sendo assim a variável que apresenta a maior flutuação das diversas classes, de um ano para o outro.

Na Superfície Agrícola Utilizada há uma concentração nas classes com pequena ou pequena/média área. Cerca de 60% das observações são constituídas por empresas com menos de 20 ha de Superfície Agrícola Utilizada, integrando o painel 19% de empresas com mais de 50 ha de área agrícola.

**Quadros 1.1 a 1.6 - Distribuição das Observações do “Painel Expectativas”
Segundo Principais Características**

Quadro 1.1- Região Agrária

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Entre-Douro e Minho	171	19	22
Trás-os-Montes	178	20	16
Beira Litoral	0	0	14
Beira Interior	18	2	7
Ribatejo e Oeste	150	16	19
Alentejo	185	20	8
Algarve	46	5	5
Madeira	45	5	3
Açores	120	13	5
Total	913	100	100

Rga 99-Recenseamento Geral Agrícola 1999 (% sem as explorações com menos de 2UDE)

Quadro 1.2- Orientação Produtiva

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Culturas Arvenses	96	10	10
Horticultura	84	9	5
Cult. Permanentes	231	25	41
Bovinos	241	26	10
Ovinos	60	7	8
Policultura	97	11	12
Agro-pecuária	97	11	13
Pecuária sem terra	7	1	2
Total	913	100	100

Quadro 1.3 – Dimensão Económica

	Nº exp.	%	Rga(99%)
Pequenas	89	10	43
Pequenas/médias	153	17	27
Médias	273	30	15
Médias Grandes	282	31	10
Grandes	116	12	5
Total	913	100	100

Quadro 1.4- Grupo Etário

	Nº exp.	%
<= 40 anos	191	21
40 a <=50 anos	390	43
50 a <=60 anos	170	18
> 60 anos	162	18
Total	913	100

Quadro 1.5- Superfície Agrícola Utilizada

	Nº exp.	%
Pequena	215	24
Pequena/média	331	36
Média	189	21
Média/grande	178	19
Total	913	100

Quadro 1.6 - Nível de Rendibilidade

	Nº exp.	%
Fraco	329	36
Médio	373	41
Elevado	211	23
Total	913	100

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade considerados (Rendibilidade Global dos Factores² observada em 2001), verifica-se que cerca de 41% da amostra se situa na classe média de nível de remuneração média dos factores (o que, em si, traduz nível aceitável/fraco, de rendimento em termos absolutos), pertencendo 36% das observações à classe não rendível e 23% ao conjunto da classe de rendibilidade alta, frequências bastante diferentes das encontradas no ano anterior.

² Rendimento global dos factores é o rendimento resultante do produto bruto da exploração dividido por todos os encargos variáveis, fixos e atribuídos

2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 2003

Com a informação recolhida em anos anteriores, é possível observar a evolução verificada nas expectativas dos produtores contactados nas diversas operações, com o objetivo de enquadrar a tendência observada nos sete anos do trabalho. Apesar do painel se alterar de um ano para o outro, identificaram-se 250 produtores nas oito operações.

Desta forma é possível trabalhar os dados de forma agregada, relativamente a questões menos abertas. Para tal, foram utilizados os apuramentos da questão colocada relativamente ao "*futuro (2/3 anos) da profissão de agricultor*", uma vez que esta será, muito provavelmente, aquela que melhor representará a percepção que cada um dos inquiridos possui relativamente ao seu futuro como profissional da agricultura. A posição de cada empresário face à questão colocada foi tratada como pergunta de resposta fechada, prevendo-se as hipóteses "*melhor*", "*igual*" e "*pior*". A evolução verificada contém transferências de posição ao longo do período, em vários sentidos.

Quadro 2.1-Evolução das expectativas a Médio Prazo de 1996 a 2003

Tendência	1996		1997		1998		1999		2000		2001		2002		2003	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp	%	nº exp	%	nº exp	%	nº exp.	%	nº exp	%	nº exp	%
Pessimista	80	32	89	36	100	40	107	43	92	37	139	56	127	51	148	59
Expectante	88	35	120	48	106	42	94	38	116	47	90	36	92	37	92	37
Optimista	82	33	41	16	44	18	48	19	41	17	21	8	31	12	10	4
Total	250	100	250	100	250	100	250	100	250	100	250	100	250	100	250	100

As atitudes expectantes constituíram um posicionamento com alguma oscilação ao longo deste período (cresce 13% no ano de 1997, decresce 6% em 1998 e 4% em 1999, sobe 9% em 2000 e em 2001 volta a decrescer em 11 pontos percentuais, mas em 2002 sobe 1% e não se altera em 2003. Em termos do conjunto de inquiridos, o "*grupo expectante*" representa entre 35% e 48% do total de inquiridos para os vários anos. Essa manutenção de uma posição relativa resulta da conjugação de diversos factores: dos empresários que mantiveram as suas posições (os quais representam 46.7%, 60.4%, 54.3%, 47.4%, 66.7%, 46.7% e 44.6% nos sete anos consecutivos) e também, da alteração de opinião do "*grupo pessimista*" (em 1997, deslocaram-se para esta posição 21.7% dos inquiridos, de 22.6% em 1998, e nos quatro anos seguintes cerca de 28.7, 34.5, 21.1%, 43.5 e em 2003 cerca de 43.5%). Apesar de participar com valores mais baixos,

o "*grupo optimista*" contribuiu com 31.7% em 1997, 17.0% em 1998 e 1999, 18.1%, 12.2%, 9.8% e 12.0% respectivamente nos últimos sete anos.

O pessimismo assume neste período valores crescentes entre 32% e 59% dos inquiridos, aumentando 4% em 97 e 98, mais 3% em 1999 e diminuindo 6% em 2000, voltando a aumentar bastante, 19% em 2001, a diminuir em 5% em 2002 e finalmente crescendo 8% em 2003. Este reforço da posição pessimista tem origem no "*grupo pessimista*" de partida (1996) e com a participação daqueles que assumiam uma atitude expectante: cerca de 27.0% e 37.0% em 1997 e 1998, decresce em 1999 para 26.2%, sobe em 2000 e 2001, com 29.3 e 36.0 pontos percentuais respectivamente, em 2002 volta a descer para 27.6% e em 2003 aumenta para 32.4%; Também o "*grupo optimista*" de 1996 cedeu para o pessimista cerca de 27.0% dos seus efectivos em 1997, diminuiu para 12.0 em 1998 e 1999 volta a crescer para 15.0%, em 2000 e 2001 volta-se a observar valores de 12.0 e 15.1%, em 2002 diminuiu para 2.4% mas volta a subir em 2003 cerca de 10.8%. O fenómeno pessimista mostra uma tendência bastante crescente (27% no período em análise), mas o seu ritmo registou um ligeiro abrandamento nos anos de 2000 e 2002 para, neste ano de 2003, voltar a crescer.

O sentido inverso foi observado dentro dos posicionamentos optimistas, que começam com 33% e em 2003 apresentam apenas 4%, (uma quebra de 29 pontos percentuais). Dos valores optimistas observados inicialmente, como base de partida, decresceram de uma forma não contínua. Dos optimistas em 1996 mudaram de opinião 48.8% dos inquiridos em 1997, cerca de 25.0% em 1998 e em 1999, 39.0% em 2000, 47.6% em 2001 e 29.0% em 2002 e 40.0% em 2003. Essa mudança de opinião foi realizada pela transferência de cerca de 65.1% do "*grupo optimista*" de 1996 para as outras situações, de 81.7% em 1997, de 75.8% em 1998, de 84.6% em 1999, de 86.2 % em 2000, de 83.3% em 2001 e 71.4% em 2002.

No entanto, é de salientar que, em termos relativos, é o grupo pessimista que maiores efectivos cede ao grupo optimista, com 38.8% dos seus efectivos em 1997, 42.4% dos em 1998 e 42.3% em 1999, 51.9% em 2000, 41.7% em 2001 e 57.1% em 2002. A participação do "*grupo expectante*" ronda, ainda em termos relativos, 14.3%, 30.3%, 26.9%, 33.3%, 41.7% e 14.3% dos seus efectivos nos respectivos anos. De notar, contudo, que o número de empresários que manifestaram expectativas optimistas neste período re-traiu-se em cerca de 79%.

3. Expectativas para 2003-2005

3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa

Quanto à intenção de modificação do sistema de produção em 2003, nas respostas obtidas para as opções de *diminuição*, *aumento* e *manutenção* do actual sistema de produção, foram apurados os valores de 3.5, 11.6 e 84.9 % dos inquiridos (em 2002 foi de 3.5, 15.4 e 81.0 %) respectivamente, onde se observa uma diminuição das situações activas em cerca de 3%.

Continua pois a reforçar-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo, para a generalidade das regiões agrárias e classe etária do dirigente da exploração, dos sistemas produtivos e classes de dimensão económica e de nível de rendibilidade.

As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários. O grupo com idade igual ou menos de 50 anos apresenta uma forte participação no total que pretende desenvolver o sistema de produção, com 77%, o que reflecte a opção de cerca de 31% no escalão mais jovem e 46% no escalão seguinte. Note-se que o grupo etário superior a 50 anos é aquele que contribui bastante para a estratégias de retracção dos sistemas de produção, que soma 47% das intenções.

Quadro 3.1.1- Estratégias de curto prazo por Classe Etária

Idade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 40 ANOS	16	9	19	20	32	31	21	21
40 a <=50 ANOS	21	44	26	42	30	46	26	43
50 a <=60 ANOS	23	25	26	19	19	12	25	18
> 60 ANOS	41	22	29	19	19	11	28	18
Total de Explorações	44	32	1013	775	193	106	1250	913

Em termos de dimensão física, as intenções de modificação no sentido da diminuição encontram-se distribuídas pelas duas classes de menor dimensão física, atingindo 75%.

O aumento é mais característico dos empresários que trabalham em dimensões superiores a 5 ha, principalmente até 20 ha.

Quadro 3.1.2 - Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Diminuição		S/ Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 5 ha	39	34	27	24	17	14	26	24
5 a <=20 ha	39	41	36	35	36	40	37	36
20 a <=50 ha	9	16	19	21	25	24	20	21
> 50 ha	14	9	18	20	22	22	18	19
Total de Explorações	44	32	1013	775	193	106	1250	913

De um ano para o outro, nota-se que a classe de 5 a 20 ha concentra situações activas, a diminuição é significativa na classe de 20-50 ha e na classe de 5-20 ha, para o aumento.

Quando se aborda a alteração dos sistemas, pela sua orientação produtiva, verifica-se que a diminuição é mais pretendida pelos produtores de Horticultura, Culturas Permanentes e Agro-Pecuária que agregam cerca de 66%. O aumento do sistema de produção é mais indicado pelos que apresentam Culturas Permanentes e os que produzem Bovinos. Estas duas orientações participam com 58 % no aumento e 52% na manutenção dos sistemas de produção sem qualquer alteração.

Quadro 3.1.3 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Orientação Produtiva (OTE)

Orientação Produtiva	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Culturas Arvenses	2	6	11	11	9	8	10	10
Horticultura	16	25	8	8	10	11	9	9
Cult. Permanentes	9	22	22	25	26	30	22	25
Bovinos	34	16	26	27	32	28	27	26
Ovinos	11	3	9	7	8	4	9	7
Policultura	16	6	12	11	10	7	12	11
Agro-pecuária	9	19	11	10	4	11	10	11
Pecuária sem terra	2	3	1	1	1	1	1	1
Total de Explorações	44	32	1013	775	193	106	1250	913

Nos dois anos em causa, a opção pela diminuição é particularmente sentida em Culturas Permanentes e Horticultura. A orientação pela Agro-Pecuária aumenta os seus valores nas duas situações de modificação. Outro reforço na estratégia de aumento verifica-se nas empresas especializadas em Culturas Permanentes.

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se que as classes com dimensão superior a 16 UDE são as mais susceptíveis de modificação no sentido do aumento do sistema. A diminuição, por seu lado aparece distribuída por todas as classes, mas é a dimensão de 16 a 40 UDE que mais contribui para esta tendência.

Quadro 3.1.4 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<4 UDE	14	12	13	10	6	6	12	10
4 a <8 UDE	16	19	17	17	13	12	17	17
8 a < 16 UDE	25	19	27	32	22	23	26	30
16 a < 40 UDE	30	38	32	30	36	36	32	31
>= 40 UDE	16	12	12	11	23	23	13	12
Total de Explorações	44	32	1013	775	193	106	1250	913

Ao compararmos os dois anos, a diminuição acentua-se nas classes de 4 a 8 e 16 a 40 UDE, e o aumento é semelhante ao ano anterior.

As intenções de modificação distinguem-se igualmente quando se consideram os diversos níveis de Rendibilidade das empresas, verificando-se uma tendência para o aumento da actividade nas explorações de maior nível de Rendibilidade e para a retracção na classe de Rendibilidade intermédia.

Quadro 3.1.5- Estratégias de Curto Prazo por Nível de Rendibilidade

Nível De Rendibilidade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 0.5	21	34	19	37	13	29	18	36
0.5 a <=0.9	43	50	38	41	42	35	39	41
>0.9	36	16	43	22	45	36	43	23
Total de Explorações	44	32	1013	775	193	106	1250	913

A estratégia da diminuição recebe contributo com intensidade, das regiões de Entre Douro e Minho, Ribatejo e Oeste e Algarve, e para o movimento de aumento contribui com maior expressão Trás os Montes e Alentejo.

Quadro 3.1.6 - Estratégias de Curto Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
E. Douro Minho	45	35	12	18	19	17	15	19
Trás-os-Montes	7	0	15	20	15	24	14	20
Beira Litoral	11	0	8	0	10	0	8	0
Beira Interior	7	0	6	2	10	0	7	2
Ribatejo e Oeste	21	31	18	16	13	17	17	16
Alentejo	5	6	17	21	18	19	17	20
Algarve	0	19	4	4	3	9	4	5
R. A. da Madeira	0	0	6	5	3	5	5	5
R. A. Açores	5	9	14	14	10	9	13	13
Total de Explorações	44	32	1013	775	193	106	1250	913

De um ano para o outro, o Ribatejo e Oeste e o Algarve contribuem nos dois sentidos, nos aumentos acompanhados de Trás os Montes e no sentido da diminuição com a região dos Açores.

3.2. O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido imprimido a médio prazo à exploração agrícola foi retratado através de três opções principais, designadamente a *manutenção*, a *expansão* e a *retracção* dos sistemas de produção, tendo cada uma delas atingido 75.6%, 15.0% e 9.4% dos inquiridos respectivamente, e apresentaram valores relativamente semelhantes ao ano anterior, cerca de 75.0%, 14.7% e 10.2%.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões trabalhadas. Face às expectativas a curto prazo, verifica-se um deslocamento em cerca de dez pontos percentuais, de tendência de manutenção para a expectativa de retracção de actividade (5.9%) e para a expansão (3.4%).

Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária (Quadro 3.2.1), verifica-se que a retracção é uma opção para a qual muito contribuem os empresários com mais de 50 anos, que participam em 56% dessa estratégia. Por outro lado, o grupo formado pelos empresários com idade menor ou igual a 50 anos, pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção, actuando com 76% do total.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classe Etária

Idade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 40 ANOS	10	14	21	20	30	30	21	21
40 a <=50 ANOS	18	30	27	44	28	46	26	43
50 a <=60 ANOS	29	26	24	19	23	12	25	18
> 60 ANOS	43	30	28	17	19	12	28	18
Total de Explorações	127	86	940	690	183	137	1250	913

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a retracção se concentra mais na classe de empresas com menos ou igual a 5 ha de SAU. A expansão, por outro lado, distribui-se mais nas classes com mais de 5 ha de SAU.

Quadro 3.2.2 - Estratégias de médio prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 5 ha	28	35	28	25	14	10	26	24
5 a <=20 ha	42	33	35	36	39	41	36	36
20 a <=50 ha	15	17	19	20	23	26	20	21
> 50 ha	15	15	18	19	24	23	18	19
Total de Explorações	127	86	940	690	183	137	1250	913

Por tendência, a relação entre os dois anos mostra um aumento da retracção na classe de menor dimensão física e na classe de mais de 20 a 50 ha, enquanto que a expansão só não é pretendida pela classe mais pequena.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que cerca de 57% de retracção é proveniente das classes orientadas para as Culturas Anuais, Horticultura e Culturas Permanentes. Cerca de 38% das opções de expansão são devidas às Culturas Permanentes.

Quadro 3.2.3- Estratégia de Médio Prazo por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Culturas Arvenses	10	19	11	10	9	7	10	10
Horticultura	13	19	9	8	8	8	9	9
Cult. Permanentes	16	19	21	24	33	38	22	25
Bovinos	27	13	27	28	24	27	27	26
Ovinos	13	8	9	7	8	3	9	7
Policultura	13	6	12	12	10	7	12	11
Agro-pecuária	8	15	11	10	7	10	10	11
Pecuária sem terra	1	1	1	1	1	0	1	1
Total de Explorações	127	86	940	690	183	137	1250	913

De um ano para o outro verifica-se um aumento de retracção devido às explorações de Culturas Arvenses, Horticultura e da Agro-Pecuária. Na expansão o aumento fica concentrado nas empresas orientadas para Culturas Permanentes e Bovinos, como antes.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se um maior contributo para a retracção nas classes de 4 a 16 UDE, 58%. O valor da expansão é superior nas duas classes maiores, onde também se concentra o mesmo valor.

Quadro 3.2.4 - Estratégias de Médio Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<4 UDE	12	14	14	11	4	2	12	10
4 a <8 UDE	21	23	17	17	12	12	17	17
8 a < 16 UDE	25	35	25	29	28	28	26	30
16 a < 40 UDE	32	22	32	30	35	41	32	31
>= 40 UDE	9	6	12	13	21	17	13	12
Total de Explorações	127	86	940	690	183	137	1250	913

Quando se relaciona os dois últimos anos observa-se um aumento da retracção na classe de 8 a 16 UDE, principalmente, e na classe de 16 a 40 UDE no sentido da expansão.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como no curto prazo, as empresas de classe de alta rendibilidade possuem maior apetência

para a expansão dos sistemas produtivos do que as que obtiveram resultados económicos de nível inferior e cuja tendência é mais de retracção (Figura 3).

Quadro 3.2.5 - Estratégias de Médio Prazo por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 0.5	27	41	18	37	13	27	18	36
0.5 a <=0.9	42	42	38	41	42	40	39	41
>0.9	31	17	44	22	45	33	43	23
Total de Explorações	127	86	940	690	183	137	1250	913

Nas regiões agrárias, a retracção concentra-se em Ribatejo e Oeste, mas também nas regiões de Entre Douro e Minho, Algarve e Alentejo, esta última apresenta também valores elevados para a expansão, em conjunto com Trás os Montes.

Quadro 3.2.6 - Estratégias de Médio Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
E. Douro Minho	17	24	13	19	21	15	15	19
Trás-os-Montes	9	8	14	20	22	24	15	20
Beira Litoral	6	0	9	0	2	0	8	0
Beira Interior	8	0	6	2	8	2	7	2
Ribatejo e Oeste	28	27	16	15	16	15	18	16
Alentejo	10	22	17	19	21	24	17	20
Algarve	6	13	3	4	4	7	4	5
R. A. da Madeira	1	0	7	6	1	2	5	5
R.A. Açores	15	6	14	15	5	11	13	13
Total de Explorações	127	86	940	690	183	137	1250	913

Comparando os dois anos, a retracção eleva-se no Alentejo, em Entre Douro e Minho e no Algarve principalmente. Por seu lado, o desejo de expansão a médio prazo acentua-se no Alentejo e em Trás os Montes.

São de Trás os Montes os empresários que continuam a assumir com maior veemência o desejo de expansão de actividade, como do Alentejo, apesar de também se retirar.

Os resultados obtidos relativamente às estratégias de médio prazo podem ser confrontadas com as intenções de curto prazo atrás referidas. A relação estabelecida entre as respostas a estas duas questões foi efectuada relacionando o número de

inquiridos que manifestaram o mesmo tipo de intenção activa para as suas empresas a médio e curto prazo.

A médio prazo prevê-se uma retracção maior do que a presente, mas numa relação de cerca de 2.7 empresas a médio prazo para uma empresa a curto prazo. No que se refere à expansão, a relação médio/curto prazo, ultrapassa o valor da unidade (1.3), havendo assim maior desejo de expansão a médio prazo do que a curto prazo (Fig. 4).

3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas

Auscultou-se a intenção de obter novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforçar as já existentes, diferenciando-se os rendimentos obtidos de forma exterior à empresa dos que nela são realizados.

Cerca de 81.2% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. Por outro lado, 16.4% dos produtores contactados pretendem recorrer a fontes externas à exploração e apenas 2.4% admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa, percentagens relativamente semelhantes às do ano anterior com 81.3%, 17.1% e 1.6% respectivamente.

A procura de rendimentos complementares por classe etária indica que as opções externas na empresa é mais participada pelo grupo com idade de 40-50 anos, atingindo cerca de 52% dos entrevistados, como também os rendimentos oriundos exclusivamente ou principalmente da exploração, com 50% do grupo.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos Complementares por Classe Etária

Idade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 40 ANOS	22	29	21	19	25	23	21	21
40 a <=50 ANOS	35	52	25	41	25	50	26	43
50 a <=60 ANOS	25	13	24	20	20	18	25	18
> 60 ANOS	18	6	30	20	30	9	28	18
Total de Explorações	211	150	1019	741	20	22	1250	913

A procura de rendimentos complementares, no exterior, quando analisada por classes de SAU, indica uma maior frequência nesta opção das classes de dimensão pequena/média, classes de menos de 20 ha de SAU. Porém, a busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração, encontra-se com maior frequência nas três classes maiores.

Quadro 3.3.2- Rendimentos Complementares por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 5 ha	31	29	25	23	10	9	26	24
5 a <=20 ha	40	47	36	34	40	41	37	36
20 a <=50 ha	18	13	20	22	30	27	19	21
> 50 ha	11	11	20	21	20	23	18	19
Total de Explorações	211	150	1019	741	20	22	1250	913

Ao relacionar os dois anos a tendência na procura externa é ainda maior na classe de 5 a 20 ha, e dentro da exploração há um aumento ligeiro na classe de mais de 50 ha.

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva, verificou-se uma maior frequência desta intenção nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes, quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos. As classes ligadas a Ovinos e Agro-Pecuária, em conjunto com as Culturas Arvenses, estão mais direccionadas para o rendimento interno.

Quadro 3.3.3- Rendimentos Complementares por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Culturas Arvenses	10	7	10	11	5	14	10	10
Horticultura	10	12	9	9	5	0	9	9
Cult. Permanentes	27	33	21	23	45	40	23	25
Bovinos	23	19	28	28	20	9	27	26
Ovinos	9	4	9	7	10	14	9	7
Policultura	10	11	12	11	15	9	12	11
Agro-pecuária	10	13	10	10	0	14	10	11
Pecuária sem terra	1	1	1	1	0	0	1	1

Total de Explorações	211	150	1019	741	20	22	1250	913
-----------------------------	------------	------------	-------------	------------	-----------	-----------	-------------	------------

De um ano para o outro verifica-se uma concentração de busca exterior na classe de Culturas Permanentes. A proveniência de rendimentos de dentro da exploração está a ser indicada pelas classes ligadas a produção de gado como Ovinos e Agro-Pecuária, para além de Culturas Arvenses que manifesta um grande aumento.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para o complemento exterior das duas classes de menor UDE. A utilização de rendimentos não agrícolas gerados no interior da empresa, surge apenas nas explorações de dimensão superior a 8 UDE, parecendo este valor continuar a constituir limiar de sustentabilidade do rendimento e com grande adesão dos que apresentam a maior dimensão.

Quadro 3.3.4-Rendimentos Complementares por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<4 UDE	18	16	11	8	0	14	12	10
4 a <8 UDE	19	19	16	17	0	4	17	17
8 a < 16 UDE	30	28	25	30	35	32	26	30
16 a < 40 UDE	22	28	35	32	30	27	32	31
>= 40 UDE	11	9	13	13	35	23	13	12
Total de Explorações	211	150	1019	741	20	22	1250	913

Quando se relaciona os dois últimos anos o complemento quer externo quer interno, aumenta nas classes até 8 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que as empresas menos rendíveis possuem maior apetência para a obtenção de rendimentos dentro da exploração, e todas as classes estão distribuídas de uma forma homogénea na variante de obtenção de rendimentos fora da empresa agrícola (Fig. 5).

Quadro 3.3.5 - Rendimentos Complementares por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 0.5	21	35	18	36	20	41	18	36
0.5 a <=0.9	43	42	38	40	35	50	39	41
>0.9	36	23	45	24	45	9	43	23

Total de Explorações	211	150	1019	741	20	22	1250	913
-----------------------------	------------	------------	-------------	------------	-----------	-----------	-------------	------------

Numa perspectiva global a busca de rendimentos exteriores tem os contributos das regiões de Entre Douro e Minho e Ribatejo e Oeste. Essa mesma busca feita dentro da própria exploração é sugerida principalmente por Trás os Montes.

Quadro 3.3.6 - Rendimentos Complementares por Região Agrária

Região Agrária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
E. Douro Minho	25	32	13	17	15	0	15	19
Trás-os-Montes	17	19	14	19	15	41	15	20
Beira Litoral	6	0	9	0	5	0	9	0
Beira Interior	10	2	6	2	20	9	7	2
Ribatejo e Oeste	21	21	17	16	5	14	17	16
Alentejo	9	11	18	22	20	18	17	20
Algarve	4	6	4	4	5	18	4	5
R. A. da Madeira	3	3	6	5	5	0	5	5
R.A. Açores	5	6	15	15	10	0	13	13
Total de Explorações	211	150	1019	741	20	22	1250	913

Comparando os dois anos, no complemento externo, encontra-se a maior diferença na região de Entre Douro e Minho, enquanto que dentro da exploração são as regiões de Trás os Montes e Algarve que mais aumentam os seus rendimentos complementares.

3.4. A conjuntura agrícola em 2003

A questão foi colocada numa altura em que a campanha agrícola de 2002/2003 decorria sem problemas de maior; os quais posteriormente vieram a acontecer. Os empresários foram inquiridos nos seguintes termos: “*Como considera o ano agrícola de 2003 em relação ao ano de 2002?*”. Optou-se por uma pergunta com resposta fechada, prevenindo-se as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”. Globalmente, foram apurados os valores de 53.1%, 40.1% e 6.8% respectivamente (no ano anterior foram apurados os valores de 43.2%, 45.8% e 11.0%), o que denota, um agravamento da tendência já bastante pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos.

A tendência a piorar é assinalada por todos os grupos etários, e a melhorar, distribui-se mais pelas duas classes mais jovens.

Quadro 3.4.1 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 40 ANOS	19	19	21	23	26	26	21	21
40 a <=50 ANOS	24	42	27	43	33	47	26	43
50 a <=60 ANOS	25	19	25	19	23	11	25	18
> 60 ANOS	32	20	27	15	18	16	28	18
Total de Explorações	540	485	572	366	138	62	1250	913

Em relação às classes de SAU, o pessimismo e a manutenção de expectativas são encontrados em todas as classes, e o optimismo nas duas classes de maior dimensão física.

Quadro 3.4.2- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe de SAU

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 5 ha	21	24	29	24	28	16	26	24
5 a <=20 ha	39	37	36	35	30	35	37	36
20 a <=50 ha	22	20	18	22	15	23	20	21
> 50 ha	18	19	17	19	27	26	18	19
Total de Explorações	540	485	572	366	138	62	1250	913

Em relação aos anos considerados, o optimismo cresceu de uma forma acentuada nas classes de área compreendida entre 5 e 50 ha.

Na decomposição da amostra por Orientação Produtiva verifica-se que, para a situação do ano de 2003 ser pior do que 2002, a classe orientada para os Bovinos, em conjunto com a orientada para Culturas Permanentes, participam com 49% nessa penalização mas com 62% para uma melhoria, à data do inquérito. As empresas orientadas para as Culturas Arvenses mostram também alguma tendência para o agravamento da situação (Fig. 6).

Quadro 3.4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Culturas Arvenses	11	13	8	8	17	8	10	10
Horticultura	7	9	10	10	13	7	9	9
Cult. Permanentes	20	22	23	28	27	37	22	25
Bovinos	29	27	27	26	15	25	27	26
Ovinos	9	7	9	6	9	5	9	7
Policultura	12	10	12	11	9	11	12	11
Agro-pecuária	11	11	9	10	9	7	10	11
Pecuária sem terra	1	1	1	1	1	0	1	1
Total de Explorações	540	485	572	366	138	62	1250	913

A relação entre os dois tempos mostram um acréscimo acentuado do optimismo nas Culturas Permanentes e Bovinos.

Dentro das classes de Dimensão Económica, o ano de 2003 é considerado relativamente melhor nas classes entre 8 e 40 UDE.

Quadro 3.4.4- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Dimensão Económica

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<4 UDE	12	11	13	10	10	3	12	10
4 a <8 UDE	17	16	16	19	15	10	17	17
8 a < 16 UDE	27	28	25	31	24	34	26	30
16 a < 40 UDE	31	31	32	28	36	42	32	31
>= 40 UDE	12	14	14	12	15	11	13	12
Total de Explorações	540	485	572	366	138	62	1250	913

Ao relacionar cada ano, observa-se um maior fluxo de optimismo nas duas classes de dimensão económica compreendida entre 8 e 40 UDE.

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas e por comparação do ano agrícola de 2003 com o ano de 2002, o pessimismo situa-se mais no nível elevado e o optimismo no intermédio.

Quadro 3.4.5- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	

	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 0.5	17	34	19	38	19	34	18	36
0.5 a <=0.9	43	39	36	43	34	45	39	41
>0.9	40	27	45	19	47	21	43	23
Total de Explorações	540	485	572	366	138	62	1250	913

Relativamente às regiões agrárias, o pessimismo e o optimismo encontram-se distribuídos com alguma incidência, para a primeira situação, em Entre Douro e Minho e no Ribatejo e Oeste e para a segunda opção o Alentejo, Trás os Montes e Açores.

Quadro 3.4.6 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
E. Douro Minho	14	22	16	17	11	7	15	19
Trás-os-Montes	14	13	16	27	12	24	14	20
Beira Litoral	9	0	9	0	5	0	8	0
Beira Interior	7	2	7	2	4	0	7	2
Ribatejo e Oeste	21	21	16	11	7	13	17	16
Alentejo	15	20	15	19	29	27	17	20
Algarve	2	4	5	7	6	5	4	5
R. A. da Madeira	2	4	5	6	17	8	5	5
R.A. Açores	16	14	12	11	9	16	13	13
Total de Explorações	540	485	572	366	138	6	1250	913

Na comparação dos anos, o optimismo é transmitido por regiões como Trás os Montes, Ribatejo e Oeste e Açores, e o pessimismo através de Entre Douro e Minho e Alentejo.

3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, através das opções de resposta de “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”, 64.8% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 27.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 7.4% encararam com maior optimismo o seu enquadramento profissional futuro.

Por outras palavras, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior, denotam um agravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano. No

ano anterior, para esta questão foram observados os valores semelhantes, de 62.9% e 9.4% para pior e melhor e o mesmo valor de 27.7% para a manutenção.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que níveis de resposta otimista se encontram com maior frequência nas duas classes mais jovens, com cerca de 78%. O pessimismo está instalado em todas as classes.

Quadro 3.5.1 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 40 ANOS	17	19	24	22	37	40	21	21
40 a <=50 ANOS	25	42	28	44	32	38	26	43
50 a <=60 ANOS	26	20	24	17	21	9	25	18
> 60 ANOS	32	19	23	17	10	13	28	18
Total de Explorações	785	592	346	253	118	68	1250	913

Nas diversas classes de SAU verificou-se que o pessimismo se encontra mais na classe de dimensão física de 5 a 20 ha, enquanto que o optimismo se encontra com maior frequência nas classes de mais de 20 ha.

Quadro 3.5.2 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 5 ha	24	22	30	29	26	16	26	24
5 a <=20 ha	38	38	37	34	27	27	36	36
20 a <=50 ha	19	19	18	22	28	30	20	21
> 50 ha	19	21	15	15	19	27	18	19
Total de Explorações	785	592	347	253	118	68	1250	913

Nos dois anos o pessimismo mantêm-se nas diversas classes e o optimismo aumenta nas duas classes de maior dimensão.

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. As explorações de Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas tanto pessimistas como optimistas, mas neste caso, consegue integrar 45% de agricultores para a condição de que vai ser melhor o futuro. De salien-

tar que a perspectiva negativa abrange quase todo o tipo de empresa (64,8%), com incidência nas Culturas Arvenses.

Quadro 3.5.3- O Futuro da Profissão de Agricultor, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Culturas Arvenses	12	14	7	4	3	3	10	10
Horticultura	7	8	12	12	14	6	9	9
Cult. Permanentes	21	23	27	32	20	21	22	25
Bovinos	27	24	24	28	36	45	27	26
Ovinos	9	7	9	7	7	4	9	7
Policultura	13	12	10	8	8	7	12	11
Agro-pecuária	10	11	10	8	10	12	10	11
Pecuária sem terra	1	1	1	1	2	2	1	1
Total de Explorações	785	592	347	253	118	68	1250	913

A tendência pessimista agravou-se ligeiramente nos sistemas com a orientação para as Culturas Arvenses, e o optimismo aumentou na Bovinicultura e Agro-Pecuária.

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que o pessimismo está presente em todas as classes de UDE e o maior optimismo se situa nas classes com dimensão superior a 8 UDE (Fig. 7).

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Dimensão Económica

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<4 UDE	13	11	12	9	8	5	12	10
4 a <8 UDE	16	16	18	20	14	13	17	17
8 a < 16 UDE	26	30	24	29	27	32	26	30
16 a < 40 UDE	32	30	33	30	33	34	32	31
>= 40 UDE	13	13	13	12	18	16	13	12
Total de Explorações	785	592	347	253	118	68	1250	913

A tendência de aumento de optimismo nestes anos encontra-se nas classes de 8 a 40 UDE, onde há um crescimento de valores para a opção “melhor”.

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de rendibilidade considerados neste estudo, verifica-se que a distribuição das respostas, para a atitude pessimista se encontra em todos os níveis de rendibilidade, com incidência na classe de menor rendibilidade, que também verifica o maior grau de optimismo.

Quadro 3.5.5 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 0.5	19	38	18	31	11	40	18	36
0.5 a <=0.9	40	39	37	46	41	38	39	41
>0.9	41	23	45	23	48	22	43	23
Total de Explorações	785	592	347	253	118	68	1250	913

Os resultados mais pessimistas foram obtidos nas regiões do Alentejo e Ribatejo e Oeste, com 42% do grupo em causa, a preverem uma degradação da profissão a médio prazo. Na região dos Açores é onde se concentra a maior satisfação no futuro (28%).

Quadro 3.5.6 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
E. Douro Minho	15	20	17	19	5	9	15	19
Trás-os-Montes	12	18	17	24	21	19	14	20
Beira Litoral	11	0	4	0	4	0	8	0
Beira Interior	7	2	8	2	4	0	7	2
Ribatejo e Oeste	18	19	19	10	9	16	17	16
Alentejo	18	23	15	15	10	16	17	20
Algarve	3	3	5	10	9	5	4	5
R. A. da Madeira	3	4	5	7	20	7	5	5
R.A. Açores	13	11	12	13	18	28	13	13
Total de Explorações	785	592	347	253	118	68	1250	913

A tendência mostra que o pessimismo continua sensivelmente igual em todas as regiões e o optimismo aumentou ainda mais nos Açores.

Quando se relaciona a perspectiva da vida profissional nos próximos 2 a 3 anos, com a situação presente, quer na atitude pessimista, quer na atitude optimista, os resultados denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista.

O pessimismo agrava em todos os tipos de empresários, apresentando uma relação de 1.2 empresários pessimistas a médio prazo, para um actualmente, que consideram o momento actual menos grave que o futuro (Fig. 8).

O optimismo, apesar de ser bastante escasso, mostra que há mais que um empresário (1.1) optimista a médio prazo para um a curto prazo.

3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor

Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se apenas referência à dificuldade a que é atribuída, pelo próprio, maior importância. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise e classificação do conjunto de respostas, constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades:

- Sócio-Políticas (Apoio em Geral e técnico, Política Adequada, Burocracias e Idade Avançada),
- Agro-Climáticas (Falta de Água, Problemas Climatéricos, Problemas com mecanização, Produções baixas, Solos Pobres, Sanidade e Alimentação Animal e Sanidade Vegetal),
- Economia da Empresa (Falta e Problemas com Crédito, Apoios financeiros, Caminhos rurais, Electricidade e Aquisição de terras),
- Enquadramento Económico Global (Escoamento de Produtos, Concorrência dos Mercados, Juros Altos, Custo de Factores de Produção, Rendimentos e Margens Baixas, Preços Baixos, Atrasos de Pagamentos, Garantias de preço e Investimentos).
- Dificuldades Internas da Estrutura da Empresa (Dimensão e Dispersão das Parcelas, Arrendamento de Terras, Falta e Custo de mão de obra) e

Genericamente, as dificuldades associadas ao Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas (57% das respostas); em segundo lugar, foram referidos os Bloqueamentos Estruturais das empresas, em 18% das respostas. Por ordem decrescente de importância, surgiram a Situação Socio-política, os factores Agro-climáticos e finalmente, a Situação Económica da Empresa, com 10%, 9% e 6% das respostas, respectivamente. De salientar que apenas cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

A decomposição das dificuldades sentidas por classe etária denota uma tendência para a referência do Enquadramento Económico e Sócio Político e a Estrutura da Empresa Si-

tuação Agro-Climática pelas classes de mais de 50 anos; e a da Economia da Empresa pelas classes de idade de menos de 40 anos e de 50 a 60 anos.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe Etária

Idade	Sócio- Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 40 ANOS	15	16	21	21	29	29	22	22	19	19	21	21
40 a <=50 ANOS	16	28	29	29	36	36	27	26	29	29	26	42
50 a <=60 ANOS	18	21	26	26	26	26	27	27	22	22	25	18
> 60 ANOS	51	35	24	24	9	9	25	25	30	30	28	18
Total de Explorações	125	87	123	78	49	56	692	516	247	164	1237⁽¹⁾	901⁽²⁾

⁽¹⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2002

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2003

As dificuldades referidas pelos empresários, quando desagregadas por classes de SAU, mostram-nos que na classe de menor dimensão física há maior incidência das condições Sócio-Políticas assim como de Estrutura. Esta última também releva nas empresas com 20 a 50 ha. As dificuldades que resultam de limitações provocadas pelas condições Agro-climáticas afectam principalmente as empresas com mais de 20 ha de SAU. O factor Economias da Empresa é também mais insistentemente referido pelas três classes de mais de 5 ha de SAU. O quadro Económico estende-se por todas as classes mas com maior frequência pela classe de 5 a 20 ha.

No periodo, as dificuldades de natureza Sócio-Política aumentaram relativamente nas classes extremas. As condições Agro-Climáticas passaram a ser um problema ainda maior nas classes de 5 a 50 ha. Há um ligeiro avanço nas questões relacionadas com a Estrutura da Empresa, pelas classes de mais de 20 ha.

Quadro 3.6.2- Principais Dificuldades por Classe de Área

Dimensão Física	Sócio-Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003	2002	2003
<= 5 ha	33	36	18	16	19	12	24	22	32	29	26	23
5 a <=20 ha	36	27	24	26	37	37	41	41	30	24	36	36
20 a <=50 ha	15	16	28	33	22	22	18	18	23	28	20	20
> 50 ha	16	21	30	26	22	22	18	17	15	18	18	19
Total de Explorações	125	87	123	78	49	56	692	516	247	164	1237⁽¹⁾	901⁽²⁾

⁽¹⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2002

⁽²⁾ Cerca de 1 % dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2003

Para as classes orientadas para Horticultura e Ovinos o conjunto de questões de natureza Socio-política é referido, com alguma insistência. As dificuldades de natureza Agro-Climática possuem expressão considerável nas explorações das classes orientadas para Bovinos e Ovinos, que também salientam os aspectos decorrentes de limitações da Economia da Empresa. Os aspectos associados ao Enquadramento Económico Global, assumem grande peso em todas as especializações. Com Dificuldades Estruturais encontram-se as empresas orientadas para as Culturas Permanentes (Fig. 9).

Relativamente à Dimensão Económica das empresas, apenas existem ligeiras variações na importância dada aos aspectos ligados ao Enquadramento Sócio-Político, pelas duas classes de menor UDE. As questões de natureza climatérica e também as de Economia da Empresa sobressaem nas classes de 8 a 40 UDE, de dimensão económica. As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global encontram-se, como as de Estrutura, distribuídas pelas várias classes, tendo a maior incidência a primeira na classe de maior dimensão e a segunda na classe de 4 a 8 UDE.

Atendendo ao Nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. A classe das empresas consideradas pouco rendíveis referem sobretudo dificuldades nas esferas Socio-Política, Agro-Climática e Economia da Empresa, neste caso com a classe de maior rendibilidade, que também assinala as limitações resultantes de Estrutura. A classe intermédia distribuí-se pelas várias situações. Por especificidade das regiões, o Enquadramento Sócio-Político é citado com maior intensidade nas regiões de Entre Douro e Minho, Beira Interior, Alentejo e Madeira. As condições Climatéricas são especial preocupação de regiões como os Açores e Alentejo. Quanto à Economia das Empresas é assinalado de uma forma concentrada pelo Alentejo, também por Trás os Montes, e a Economia Global com a maior insistência no Ribatejo e Oeste e Algarve. Finalmente o carácter estrutural é evidenciado pelas regiões de Trás os Montes, com particular expressão, Entre Douro e Minho e Madeira.

Conclusões

A informação trabalhada tem origem num painel de 913 produtores, que foram inquiridos nas regiões agrárias de Portugal, com excepção da Beira Litoral, tirando especial partido das disponibilidades para colaborar e interesse pela avaliação da conjuntura interna e externa nas explorações agrícolas dos empresários colaboradores.

Os inquiridos manifestam pessimismo quanto ao momento actual, pressentindo um agravamento das condições profissionais no futuro próximo. Contudo, cerca de 12% dos empresários pretendem continuar a desenvolver as suas explorações, prevendo assim um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação sensível em 2003, foram apurados os valores de 3.5%, 11.6% e 84.9% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção, seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos. As intenções de modificação dos sistemas a curto e médio prazo diferem com a classe etária dos empresários (aumento para os mais jovens e alguma diminuição para os mais idosos), com a dimensão física e económica (diminuição nas pequenas dimensões e algum aumento para as maiores) e com o nível de rendibilidade (diminuição na classe intermédia), com a orientação técnica (em aumentos e diminuições de classes especializadas em horticultura, bovinos e culturas permanentes, diminuições consideráveis na agro-pecuária) e com a região (aumentos em Trás os Montes e Entre Douro e Minho que também participa em diminuições com o Ribatejo e Oeste e Algarve).

As estratégias de médio prazo identificadas, retratadas através de três opções principais (manutenção, expansão e retracção), atingiram valores de 75.6%, 15.0% e 9.4%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões. Verifica-se uma certa coerência entre as posições face às opções de curto prazo, em cada grupo de empresários formados a partir dos critérios de decomposição do painel.

Cerca de 81.3% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. Por outro lado, 16.4% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 2.4% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa. Relativamente aos sistemas diversificados, designadamente os que incluem actividades pecuárias e culturas permanentes, mostram o sentido de obtenção de rendimentos não agrícolas no interior e exterior da empresa respectivamente. A procura de rendimentos não agrícolas exterior à empresa constitui uma opção, sobretudo, para os empresários responsáveis por empresas com menores níveis de rendibilidade, de área agrícola, de dimensão económica e em regiões como Entre Douro e Minho e Ribatejo e Oeste, enquanto que é feita internamente, pelas empresas com área superior a 5 ha, dimensão superior a 8 UDE, rendibilidades baixa a média e situados principalmente em Trás os Montes.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2003 assemelha-se à do ano de 2002, com ligeiro agravamento das tendências pessimistas: as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*” agregaram 53.1%, 40.1% e 6.8% dos produtores inquiridos, respectivamente. O optimismo verifica-se com mais incidência nos grupos etários jovens, com maior dimensão física (SAU, com mais de 5 ha) e económica (8 a 40 UDE), com rendibilidade aceitável e orientadas para actividades como Culturas Permanentes e Bovinos e principalmente em Trás os Montes, Alentejo e Açores.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 64.8% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 27.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 7.4% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, quando comparados estes resultados com os da questão anterior, denota-se um certo agravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano. Em todas as regiões predominam as atitudes pessimistas, verificando-se uma tendência para o agravamento no Alentejo e Ribatejo e Oeste. Há uma distribuição quase uniforme do pessimismo pelas várias dimensões físicas das empresas e em todas as classes etárias e especializadas como também ao nível de rendibilidade das explorações agrícolas e com a dimensão económica.

As dificuldades no Enquadramento Económico Global foram claramente as mais referenciadas (57% das respostas) pelos inquiridos; nesta categoria de dificuldades sobressaíram, como principais dificuldades, o escoamento da produção, os custos dos factores e o nível de rendimento. Em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (em 18% das respostas); a Situação Socio-política, os Factores Agro-climáticos e a Situação Económica da Empresa atingiram apenas 10%, 9% e 6% das respostas, respectivamente. Apenas 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.